

missões e a comparação entre uma dessas fábricas pesquisadas (uma filial brasileira) e uma filial estrangeira da mesma empresa mostrou que no Brasil a intensidade do trabalho é bem maior do que na sua co-irmã.

Finalmente, o autor, no último capítulo, faz um excelente sumário dos pontos fundamentais para o estabelecimento do elo entre a abordagem dos aspectos teóricos e dos históricos e os estudos de caso realizados. Conclui que o padrão de uso e controle do trabalho encontrado no setor automobilístico brasileiro é um padrão de transição que combina algumas das características herdadas da fase pré-inovação tecnológica com outras que são inteiramente novas: ameaça ao desemprego bastante reduzida; organização do processo de trabalho regida pelo critério de rentabilidade, baseado na intensificação do trabalho e controle da mão-de-obra pela integração de postos de trabalho à cadeia automatizada; necessidade ampliada de mão-de-obra qualificada e exigências de critério seletivo de escolaridade e confiabilidade; política de recursos humanos com o objetivo de estabilizar a força de trabalho e conquistar sua cooperação.

E encerra sua exposição colocando três fatores que considera importantes para que os resultados desse processo no futuro se tornem fruto de uma opção consciente, negociada e socialmente mais equilibrada: assegurar o ritmo de difusão da nova tecnologia pela capacitação interna de produção de bens de capital com controle eletrônico; manter um período de crescimento sustentado na economia brasileira; e considerar as implicações sociais da automação uma questão a ser tratada na mesa de negociações de empresários e trabalhadores. □

COMÉRCIO, CRESCIMENTO E DISTRIBUIÇÃO. Ensaio sobre estruturas assimétricas.

Maurício Barata de Paula Pinto. São Paulo, IPE/USP, 1987, 135 páginas.

Por Solival Silva e Menezes

Economista pela USP e Administrador pela
EAESP/FGV; Doutorando no IPE/USP e Mestrando
na EASP/FGV.

O Brasil é um país que apresenta um alto grau de dependência das transações externas; isso tem motivado muitos estudiosos da Economia Internacional a formularem modelos que expliquem o funcionamento da estrutura do comércio exterior e a analisarem seus efeitos diretos e indiretos sobre o crescimento do produto nacional, o endividamento e sobre outras importantes variáveis da macroeconomia nacio-

nal. Muitos desses modelos têm como escopo analítico as ferramentas neoclássicas que tratam com rigor as relações funcionais e quase sempre conduzem a um estudo do equilíbrio dos mercados.

Este livro, fruto das pesquisas do economista Maurício Barata, do IPE/USP, tem esta mesma preocupação, inclusive utilizando-se do instrumental neoclássico para suas conclusões. É, porém, uma obra diferente das demais, ao reconhecer que as transações entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos não seguem a simetria subjacente às hipóteses neoclássicas.

O professor Barata mostra-se mais cauteloso e acredita que é necessário incluir nos modelos as situações particulares de cada país participante do comércio internacional, calculando-se os verdadeiros custos e benefícios, quantitativos e qualitativos, envolvidos nas políticas comerciais. Para ele, as hipóteses da teoria neoclássica do comércio internacional e da teoria da política comercial, tais como a da inexistência de defasagens setoriais internas, a do comportamento homogêneo dos agentes econômicos, a da igualdade de remuneração real dos fatores, dentre outras, não se confirmam na prática econômica dos países subdesenvolvidos e isso se deve até mesmo ao fato de a maioria dos modelos ter sido criada longe dessa realidade, isto é, nos próprios países industrializados. É necessário, portanto, abandonar os pressupostos de simetria entre os países participantes das transações internacionais e incorporar, em seu lugar, as diferentes características pertencentes à matriz econômica de cada país ou da região envolvidos no problema.

O autor confessa, também, que está insatisfeito com o estado atual da teoria econômica sobre o comércio internacional e propõe que as análises sejam realizadas utilizando-se dos mesmos métodos usados pela ortodoxia, posto que são métodos muito poderosos que não devem ser abandonados, já que, segundo sua expressa declaração, a escolha do método de análise não interfere nos resultados obtidos, sendo mais importante a seleção de hipóteses adequadas.

Assim, são apresentados três interessantes ensaios, partindo-se do princípio de que há diferenças entre os agentes econômicos, que há distintas condições técnicas de produção na economia e, portanto, diferentes condições de equilíbrio de mercado. No primeiro ensaio é apresentada a concepção ricardiana de equilíbrio a longo prazo, precedida de uma especificação da dinâmica clássica para economias fechadas. No segundo, o autor mostra como as conclusões da teoria do equilíbrio geral devem ser modificadas

diante da existência de limitações dos fatores de produção; no terceiro, opera com desequilíbrios no balanço de pagamentos e com a existência de bens *non tradeable* na economia doméstica.

Trata-se de mais uma boa contribuição teórica de um economista brasileiro para enriquecer o debate sobre o comércio exterior, justamente em um país cuja dependência do comércio internacional é extremamente elevada. □

OS MOVIMENTOS LIBERTÁRIOS EM QUESTÃO — A política e a cultura nas memórias de Fernando Gabeira

Cláudio Novaes Pinto Coelho, Petrópolis, Vozes, 1988, 158 páginas.

Por Denice Barbara Catani
Professora-Assistente da Faculdade de
Educação da Universidade de São Paulo

Após o decreto de anistia (agosto/1979), a volta dos exilados políticos trouxe à cena brasileira a figura polêmica de Fernando Gabeira e este passou a ser constantemente chamado pela imprensa a pronunciar-se sobre sua experiência como guerrilheiro, sua vida de exilado e suas opiniões sobre os mais variados temas da situação do país. Com a publicação de seus livros ele refaz a própria trajetória, de guerrilheiro urbano a integrante de movimentos alternativos, passando por seu rompimento com a esquerda, no exílio, e sua identificação com propostas libertárias.

Os Movimentos Libertários em Questão, de Cláudio Novaes Pinto Coelho, propõe-se a analisar as memórias escritas por Gabeira, entendendo-as como "ponto de confluência dos principais processos sociais que estiveram e estão associados a 'propostas libertárias'", e que ao ocorrerem no Brasil, introduzem mudanças nos conceitos de cultura e de política. As finalidades mais amplas deste estudo voltam-se para o esclarecimento das idéias e atitudes desenvolvidas no interior dos movimentos de classe média, e que se traduzem na defesa de modos de vida específicos de grupos como mulheres, negros, homossexuais e no combate às relações de poder existentes na sociedade em geral.

Apresentado originalmente como dissertação de mestrado em Antropologia Social na UNICAMP, o livro não padece dos vícios comuns a este tipo de trabalho — não é tedioso e nem peca pelo academicismo — e exhibe virtudes raras na espécie a que pertence, pois é fácil de ser lido e não faz concessões à superficialidade. O estudo toma como ponto de partida a constata-

ção acerca da importância que adquirem nos anos setenta, no Brasil, justamente as "lutas sociais que não se caracterizam pelos conflitos de classe", mas que se instauram como decorrência de relações raciais e sexuais onde vigora a discriminação a determinados grupos. Tais movimentos são situados pelo autor como movimentos sociais da classe média. E uma vez que esses movimentos têm por finalidade o combate às relações de poder, o autor adota para nomeá-los o termo "libertários", com seu sentido tradicional, desde o uso feito pelos anarquistas.

A fim de compreender as articulações entre os diferentes processos sociais que marcaram o passado recente da sociedade brasileira, de modo a situar o significado da atuação das obras de Gabeira, Cláudio Coelho utiliza-se concomitantemente de investigações ligadas ao referencial antropológico e de trabalhos de crítica literária, o que lhe permite apreender as características dos textos memorialísticos. Dividido em sete capítulos, o livro refaz a trajetória do ex-guerrilheiro mediante a análise de três de suas produções, quais sejam, *O Que É Isso, Companheiro?*, *O Crepúsculo do Macho* e *Entradas e Bandeiras*. Tais obras narram o passado do militante, sua aproximação com os movimentos libertários e sua tentativa de integração aos mesmos.

Esta análise da trajetória de Gabeira, concretizada a partir de suas memórias, e com todos os cuidados de que o autor se cerca para ter presente a especificidade dos textos que reavaliam o passado, conduz a esclarecimentos significativos sobre a dinâmica interna dos "movimentos libertários", ao mesmo tempo em que acena para uma perspectiva pouco alentadora. A principal marca das "utopias libertárias" consistia na luta por formas de relacionamento onde não houvesse dominação, e no interior de seus grupos deveriam ser mantidas relações igualitárias. Na verdade o autor mostra que no Brasil, para o período analisado, cada um dos grupos buscava a hegemonia e pretendia apresentar-se como mais "revolucionário" ou como modelar para as identificações e atuações que os outros grupos deveriam realizar. A experiência de Gabeira com o feminismo demonstra isso.

A leitura de *Os Movimentos Libertários em Questão* vale por todas essas razões e, mais ainda, enquanto nos dá conta das articulações entre a efervescência da década de 60 e a vivência de um membro dos movimentos guerrilheiros urbanos. Vale ainda para a explicitação das configurações assumidas, na década seguinte, pelas experiências que escolhem a via alternativa do combate aos conflitos de poder nas relações intergrupais e na vida cotidiana. □